

CENTENÁRIO DE VENÂNCIO FILHO

Mário BARATA

Transcorreu no dia 14 de abril o centenário de nascimento do educador Francisco Venâncio Filho, que participou, em 1924, de fundação da Associação Brasileira de Educação (da qual mais tarde viria a ser presidente) e, em 1932, da consolidação do texto de Fernando de Azevedo, **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, endereçado como proposta de "reconstrução educacional do Brasil" ao "povo e ao governo". Desse importante manifesto Venâncio foi um dos subscritores, tendo atuado na captação de assinaturas importantes. O texto coroou o esforço progressista e renovador da ABE nos anos 20 e foi vitalizante em nossa cultura até meados da década de 30, quando a tendência totalitária nos conduziu ao Estado Novo, que o reprimiu, inclusive com diretores militares no Instituto de Educação e com seqüelas prejudiciais ao Brasil.

Diplomado pela Politécnica do Rio em 1916, Venâncio se inseria no grupo de formados por essa escola que nos anos 20 quiseram criar condições para reconstruir o Brasil. Lourenço Filho, em pertinente análise, aponta os nossos anos 20 como "década que se caracterizou por mais viva presença dos engenheiros no domínio dos estudos sociais. Por muito tempo, esses estudos normalmente estiveram reservados aos juristas. Houve neles, depois, um incursão de médicos através da medicina social. A era dos 20 assinalou a presença de engenheiros, não chamados ainda a resolver problemas estritamente tecnológicos, como agora (1959), mas atraídos pelo desejo de estudar e explicar os problemas sociais, em todo o seu conjunto. É a época de um brilhante grupo de engenheiros educadores: Heitor Lyra, Venâncio Filho, Everardo Backheuser, Azevedo Amaral, Ferdinando Laboriau, Tobias Moscoso, Dulcídio Pereira, Mário de Brito, Barbosa de Oliveira, Menezes de Oliveira..." (apud, A. Venâncio Filho, 1984). Laboriau nascera em 1893 e também merece ser mais estudado.

A Associação Brasileira de Educação fora fundada em sala da tracional escola do Largo de São Francisco, no Rio, e ali deu os "primeiros passos". Já em 1925, passava para a sua primeira sede, que foi obtida com sala de conferências pela educadora Branca Fialho, no prédio da Liga Contra a Tuberculose, na Avenida

Almirante Barroso, onde ficou até 1927. Isso é informação de Venâncio em texto incluído em seu livro **educar-se para educar** (com título sem maiúsculas), em edição Ariel, Rio, 1931. Nessa obra está texto de 1929, em que o autor dizia: "Engenheirando da velha Escola Politécnica, que não esquece nunca a linha marcada de civismo, que se aliou sempre às preocupações do seu curso de estudos, desde a campanha generosa da abolição, com Rebouças à frente, até o movimento pela educação nacional, que despertou na ação fecunda de um filho de lá, que nos fundou e criou: Heitor Lyra".

Tal era a perspectiva comparativa aberta pelo autor, para a educação, no seu pensamento e no de seus companheiros de ideal e de ação.

Venâncio cita Branca Fialho várias vezes, como membro da diretoria da ABE nessa época. Mais tarde, ela - irmã de Álvaro e de Miguel Osório de Almeida - viria a ser presidente da instituição. Também dedica dois dos seus textos aos irmãos Edgar e Carlos Mendonça, suprimindo o Süssekind de seu sobrenome. Destes, ele foi grande amigo, e como o primeiro deles, tratou muito da função educativa dos museus na vida moderna. Progressista, Venâncio era pela utilização também do rádio e do cinema como equipamentos educativos.

A maior vocação de Venâncio era a de professor, tendo atuado no Instituto de Educação, no Pedro II e no Bennett. Nesse colégio conheceu, em turma de 1924, sua dedicada esposa, Dina, bem mais jovem, que continua a viver. Foi em São Paulo, indo para as comemorações euclidianas em São José do Rio Pardo, que faleceu Venâncio Filho, em 12 de agosto de 1946.

Vários motivos podem explicar o seu entusiasmo pela obra de Euclides da Cunha. Entre os seus muitos textos a respeito do autor de **Os Sertões**, estão dois volumes publicados na "Brasiliana", em 1938 e 1940, o primeiro reunindo cartas do escritor, que foi também engenheiro. Em uma epígrafe em livro sobre Euclides, Venâncio destacava "Sem misticismo, sem empirismo", frase de Euclides. Venâncio formou-se ele mesmo dentro de um racionalismo crítico e diz que este e a sua atitude científica são uma contribuição de Roquette Pinto à sua formação no Colégio Aquino.

Venâncio escrevia bem e freqüentemente. A precisão de suas cuidadas informações aumenta o valor de seus textos e depoimentos. Eu o conheci pessoalmente, por volta de 1940, na ABE e em conferências e debates no Instituto de Estudos Brasileiros, que fora criado sobretudo por parentes e amigos dos engenheiros sacrificados no famoso desastre aéreo de 1928, na Guanabara. Esse Instituto merece ser objeto de tese de mestrado ou doutorado em nossas universidades. Por volta de 1942 ele escreveu artigos para a revista, então de "alta cultura", **O Homem Livre**, dirigida por meu pai, Hamilton Barata.

Relembre-se ainda que Fernando Segismundo, ao falar há pouco na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e no Rio de Janeiro, na ABE, sobre Venâncio, acentuou a importância das noventa cartas de Fernando de Azevedo ao educador fluminense, as quais comprovariam a cooperação deste em algumas partes do livro **A Cultura Brasileira**, editado originalmente pelo IBGE. As cartas são mencionadas, de passagem, por Alberto Venâncio, em conferência de 1984. As eventuais posições de centro do democrata Fernando de Azevedo são realçadas no recente artigo de Nelson Piletti, em "O Estado de S. Paulo", do dia 9 de abril do corrente ano, quase às vésperas do centenário de Francisco Venâncio Filho.